

Um Assovio, de Qorpo Santo

Fonte:

LEÃO, José Joaquim de Campos (Qorpo Santo). "Um Assovio". *Teatro Completo*, Guilhermino César (org). Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro/Fundação Nacional de Arte, 1980. p. 147-161 (Clássicos do Teatro Brasileiro, 4).

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Solange L. S. de Jesus - Curitiba/PR

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

UM ASSOVIO Qorpo Santo

Comédia em 3 atos e um quadro

PERSONAGENS:

Fernando Noronha

Gabriel Galdino

Almeida garrê

Jerônimo Avis

Luduvica

Luduvina

Esméria

Rosinha

E

Coriolana

Três Tocadores

As cenas passam-se em Paris.

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

FERNANDO (*passando e batendo na testa*) – Não sei que diabo tenho nesta cabeça! Nem S.

Cosme, que é da minha particular devoção, é capaz de adivinhar o que se passa dentro deste coco! O que, porém, é verdade é que todos os dias, todas as horas faço novas preces; e todas as horas e todos os dias transgido os deveres que em tais protestos me imponho! (*Chama.*)

Gabriel, Gabriel, que diabo estás fazendo nesse fogão, em que estás pregando há mais de duas horas! Querem ver que estás a roer os tijolos, julgando serem de goiabada! Cruzes! Cruzes! Que gastrônomo! É capaz... já estou com medo! É capaz de roer até a minha casaca velha! (*Pegando de repente no nariz, tira um pedaço; olha e grita,*) Oh! Diabo! Até já me roeu um pedaço do nariz, quando eu ontem dormia! Gabriel! Gabriel!

GABRIEL – Pronto! Então (*de dentro*) que tanto me chama!?! Diabos te levem! É o amo mais

impertinente que tenho visto! Cruzes! Ave-Maria! Já vou, já vou! Deixe-me tomar o meu quinhão de café; e tomo, porque estou o transido de frio! Estou gelo! Quer derreter-me!?! Espere, espere!

FERNANDO – Diabos te levem para as profundas do maior inferno! Está este diabo a tomar

café desde que amanhece, até que anoitece! Vai-te, diabo!

GABRIEL – (*aparecendo*) – Ora, graças a Deus e a meu amo! – já que com o diabo cortei de

todo as minhas relações. (*Apalpando e levantando a barriga.*) Tenho esta pança mais pequena que a de um jumento, ou de um boi lavrador! Não é nada (*caminhando para o lado do amo*), existe aqui... quem sabe já quanto estará! (*Rindo-se.*) Duas chaleiras de café; quatro libras de açúcar... já se sabe – do mais fino refinado. Três libras, não! Seis libras de pão de rala e duas de fina manteiga inglesa. (*Andando para uma e outra parte.*) Troleró, tró! Agora sei que sou mesmo um Manuel José Taquarião! Só me faltam as cartas, e as parceiras! (*Apalpa as algibeiras e tira um baralho.*)

FERNANDO (*à parte*) – Estou otimamente servido de criado e companheiro! Não tenho, sinto –

um guindaste para lhe suspender a pança!

GABRIEL (depois de haver examinado o baralho com atenção; para o amo) – Pensei que não

tinha trazido. Está ótimo! Vamos a uma primeirinha? (*Batendo no baralho.*) Hem? Hem?

(*Tocando-lhe no braço.*) Então? Vamos, ou não vamos!?

FERNANDO – Tu és o diabo em figura de bicho. (*Batendo-lhe na pança.*)

GABRIEL – Ai! não me fures, que eu tenho um filho de seis meses arranjado pela Sra. D.

Luduvina, aquela célebre parceira que o Sr. meu amo melhor que eu conhece ... visto que passou as mais apreciáveis noites com... ou... etc. etc.

FERNANDO (batendo- lhe na boca) – Ó diabo! Não descubras esse segredo!

Senão, são capazes

os amigos dela de me porem na cadeia!

GABRIEL (à parte) – Por isso é que muitas vezes eu chupo-lhe o dinheiro, faço d'amo! Tem

segredos, que eu sei; e que ele não quer que sejam revelados!

FERNANDO – Então, Galdino! Encheste o teu pandulho desde (*bate-lhe na bunda, que é*

tãobém formidável, e na barriga) esta extremidade até esta...!

GABRIEL – Ai! ai! seu diabo! Não sabes que ainda não botei as páreas do que pari por aqui!...

(*Apalpa a bunda.*)

FERNANDO – E entretanto, de mim não te lembraste, judeu! Vai me buscar uma xícara, anda!

GABRIEL – Oh! Pois não! (pulando; e dando voltas.) O meu amo sabe dançar a chula? (Olha

para os calcanhares.) E ainda faltam-me as esporas; senão, havia eu de fazer o papel mais interessante que se tem visto! Nem o Juca Fumaça era capaz de me ganhar em levianeza e linda graça! (*Continua a dançar a chula.*)

FERNANDO - Este diabo (*à parte ou para um lado*) não vai me buscar café!

Então? Vais ou

não vais!?

GABRIEL – Ah! quer café! Já vou! (*Dá mais duas ou três voltas, e entra por uma porta, pela*

qual torna a vir logo depois.)

FERNANDO – Que tal estará o café deste judeu?

GABRIEL – Eis aqui! Está melhor que o chocolate da velha Teresa lá do Caminho Novo em que

não há senão velhas tabaqueiras ou espirradeiras, que na frase dos rapazes são tudo e a mesma cousa!

FERNANDO (*pagando a xícara e levando-a aos lábios*) Fum!... Fede a rato podre! E tem

gosto de macaco são! Que porcaria! Pega; pega! (*Atira-lhe com o café à cara.*)

GABRIEL (*limpando-se todo*) – Não precisava fazer-me beber pelos olhos! Já estava farto de

derramá-lo pela cara. Agora arrumo a xícara.

FERNANDO – Quem sabe se o fédito e o gosto provêm da xícara!?! Pode ser! Para não tornar a

Ter destes prazeres... *(atirando)* quebrarei as pernas deste pançudo! *(Atira xícara e pires pernas do criado.)*

GABRIEL – Ó diabo! Quase me quebras as pernas! Mas ficou sem o casal da xícara! O que me vale *(à parte)* é que por eu há muito já o conhecer, mandei o ano passado forrá-las de aço no ferreiro das encomendas, que mora lá por trás das vendas, na rua das contendadas!

ATO SEGUNDO

Cena Primeira

LUDUVINA *(mulher de Gabriel Galdino, velha feia e com presunções e ares de feiticeira)* –

Graças a Deus que já se pode vir a esta sala *(Olhando para o chão.)* Oh! Cacos! Que barulho haveria aqui! Quem quebraria esta louça! Querem ver que meu marido, o Sr. barrigudo e bundudo, que pelas nádegas *(e se espera que faça o mesmo pelo embigo)* andou brigando com o amo, que uma outra das mais raras esquisitices que se há visto sobre a Terra! Nem foi outra cousa! Deixem-[n] os por minha conta; hein de pôr-lhes freios e lei, e em toda a sua grei!

GABRIEL *(entrando)* - Oh! Minha querida Luduvina! Levantei-me a sonhar como um

sonâmbulo. Agarrei-me primeiro a uma janela, pensando que era a Sr.! Depois a uma talha, ainda com a mesma ilusão! E ultimamente a uma música chamada cavatina, pensando sempre que era a Sra. D. Luduvina!

LUDUVINA – O Sr. é muito gracejador! Quem o manda dormir tanto! Por que não faz como eu,

que atiro-me do mar, ponho-me no ar!? Sabe que mais? *(Pondo o dedo em frente ao rosto dele, como ameaçado.)* Se quiser continuar a ser meu, há de primeiro: Levantar-se de madrugada, senão à do galo primeira cantada! Segundo; banhar-se dos pés à cabeça, e esfregar-se com fino sabão inglês ou sabonete. Terceiro; alimentar-se três vezes ao dia; e de comidas simples e brandas; como por exemplo: uma xícara de chocolate para almoço com uma fatia ou alguma massa fina torrada ou não; um ou dous pedacinhos de galinha ou cousa idêntica, para o jantar, e quando muito mais *(o que não julgo necessário)* – um cálix de vinho superior, ou uma xícara de café, ou de chá. À noite – qualquer líquido destes como ceia. O melhor de tudo é tomar uma só bebida para almoço, e para ceia; e para o jantar tãobém um só pratinho com um cálix de vinho, ou uma xícara de café, no primeiro caso se for com carne, no segundo se for...

GABRIEL – Agora acabe! Depois da ceia, diga O que havemos de fazer? Em que me hei de entender!?

LUDUVINA – De noite, depois do chá... já se sabe (*abraçando-o*), vamos para a cama dormir

quentinhos! Fazer alguns... alguns filhinhos. Sabe, não? Entende o que eu quero dizer? Entende; entende; o Sr. não é nenhum ignorante.

GABRIEL – Estás gaiata; gaiatíssima. Pois não basta a nossa filha Esméria para nos entreter!?

Ainda queres mais filhinhas!?

LUDUVINA – É porque eu sempre gostei...

GABRIEL – Mas isso era no tempo de moça; agora estamos velhos...

LUDUVINA – A mulher nunca é velha! E o homem sempre é moço.

GABRIEL – Ora explique-me Sra. Pulquéria, a sua asserção; eu não entendo bem.

LUDUVINA – Visto que me troca o nome, eu lhe trocarei o chapéu. Tira o que ele tem na cabeça

e põe-lhe outro mais esquisito.) O nome que me deu, regula com o chapéu, que eu lhe – ponho: e dê graças a Deus não o deixei com a calva à mostra!

GABRIEL – Já agora estarei por tudo. Casei-me de fato com a Sra.; não há remédio (*à parte*)

senão aturá-la...

Cena Segunda

FERNANDO (*entrando*) – Oh! Que é isto? O Sr. acompanhado aqui desta dama!

GABRIEL – Pois quem tem? Sim; sabe... o meu casamento...sim; o Sr. ignora! Tem razão!

FERNANDO – Pois o Sr. é casado!?

GABRIEL – E até tenho uma filha chamada Esméria.

FERNANDO (*olhando para um lado*) – E esta! O meu criado; e já com uma filha.

GABRIEL – Sim, Sr. Sim, Sr. E por isso mesmo far-lhe-ei em breve as minhas despedidas!

FERNANDO – Ainda mais esta! Fala-me em despedida! (*Pausa.*) E depois quem me há de

servir, se me faltar este pançudo barrigudo!

ESMÉRIA (*entrando*) – Sua bênção, meu pai.

GABRIEL – Oh! Bem-vinda, minha querida!

FERNANDO – Onde diabo, em que casa tinha [s] tu metido a mulher, e este anjo de bondade !?

Tão escondidos ou bem guardados, que eu nunca pude saber que existiam!?

GABRIEL – Não me convinha; porque sei quanto o Sr. é amigo de alheias mulheres! E se a

minha Esméria é um anjo de bondade, a minha Luduvina é uma santa de maldade!

FERNANDO (*muito zangado*) - Todos têm mulher. (*Puxando os cabelos.*) Isto é o diabo! É o

diabo! E é o diabo. Onde irei eu buscar, achar uma que me agrade! (De repente, para Gabriel Galdino :)Amigo, dá-me a tua filha em casamento!?

(*Pondo-lhe a mão no peito.*) Se

má dá, hoje mesmo, meu caro, ela será minha mulher!

GABRIEL – A minha Esméria é um anjo de bondade; só se o Sr. se sujeitar a todos os preceitos

que ela lhe impuser!

FERNANDO – Mas que diabos de preceitos são esses!? Pois tu não me conheces? Não sabes

quanto eu sou franco e generoso; cavalheiro e...

GABRIEL – Sei; sei de tudo isso! Mas eu não quero fazê-la infeliz! O Ilmo^o Sr. Dr. Fernando

há de ser uma espécie, ou um verdadeiro criado fiel de minha filha; e há de declará-lo em uma folha de papel, escrita por tabelião e assinada pelo juiz competente; o dos casamento ou dos negócios civis. Etc. etc. e etc. Com a satisfação de todas estas condições, ou seu preenchimento, a minha muito querida filha, se quiser, será sua mulher. Fora delas, ou sem elas, não falaremos, não trocaremos mais sobre tão melindroso assunto.

FERNANDO (*à parte*) – E o caso não julgado é verdade – que estou pela menina apaixonado; e

que por isso mesmo não terá remédio o Sr. Fernando, senão a tudo se ir sujeitando. Assim é que servia-me o meu futuro sogro; há mais de seis meses sem que eu soubesse que era casado, e que tinha filha! Foi realmente um mistério. E dizem-me que não aparecem ou não se vêem milagres no tempo presente.

ATO TERCEIRO

Cena Primeira

LUDUVICA (*criada da Almeida Garrett*) - Depois Que este meu amo se associou ao Sr.

Fernando de Noronha que este se casou com Sra. D. Esméria, filha de um velho criado deste; e finalmente, depois que se juntou certa camaraótica de maridos, mulheres, genros, criados ou quiabos, anda esta casa sempre assim! Ninguém os entende! Se vai servir à Sra. D. Luduvina, eis que se

ouve a voz do Sr. Fernando de Noronha, gritando _ Luduvica! Luduvica! Traz-me as botas! Se se está servindo ao Sr. Dr. Fernando, eis que me chama a Sra. D. Esméria: “- Luduvica! Luduvica! Toma este recado e vai levá-lo à casa de minha prima Hermenêutica”. Finalmente, se estou servido a qualquer destes, eis que o Sr. Gabriel Galdino, criado outrora malcriado, barrigudo, bundudo, grita: “Dá cá de lá os chinelos, que estou com os óculos na cabeça! ”Enfim, é o diabo! É o diabo! Muito desejo ver-me livre desta casa, em que seis ou oito meses de serviço já me fedem! Ainda que me não queiram pagar, quando não o pensarem hão de me ver raspar! (*Entra Almeida Garrett, Gabriel Galdino e Fernando de Noronha.*)

GABRIEL GALDINO – Com todos os diabos! Estou hoje com tais disposições de avançar a

corações, que se tu não fosses casada (pondo a mão em Luduvica), protesto que não escaparias!

LUDUVICA – Como o Sr. está engraçado! Pensa que mesmo sendo, e que mesmo não sendo, eu

havia de ceder aos seus desejos brutais, sabendo principalmente que é casado, atoleimado, foi criado e que tem filhos!? Está; está – muito e muito enganado!

FERNANDO DE NORONHA – Oh! Sr. Gabriel Galdino, isso não é cousa que se faça às

escondidas de alguém. Eis porque não há criados que queiram servi-nos (*Com força.*) *Isto envergonha!* Envergonha, e faz afastar de nós todos os criados e criadas que há em toda esta cidade! É esta a décima oitava que para aqui vem; e que não tardará a deixar-nos! Se o Sr. não mudar de comportamento, estamos todos perdidos! Teremos em breve de nos servimos com as nossas próprias mãos!

GARRETT – Ainda será bom se nos servimos só com as nossas mãos! Se nos for necessário

servimo-nos com os nossos pés!

GABRIEL GALDINO – Não – toleirões! Eu estava apenas brincando. Queria ver a que ponto

chegava a pudicícia da nossa encantadora e amável servidora – Luduvica Antônia da Porciúncula. (*Fazendo menção de abraça-la, ela afasta-se um pouco como receosa.*) Não receies, minha Menina; se voz desse um abraço – seria de amizade, ou igual àqueles que os Pais dão nos filhos; as mães nas filhas; etc. etc.

FERNANDO – Luduvica, já preparaste o que te disse de manhã que queria?

LUDUVICA – Como havia de preparar, se eu não me posso voltar nem mexer-me para lado

algun!?! Se me volto para direita, sou chamada da esquerda; se para a esquerda, incomodada pela direita; e finalmente pelos flancos, retaguarda e vanguarda; sempre e sempre chamada, incomodada e flagelada!

FERNANDO – Em vista disso, irei eu mesmo preparar! (*Sai muito zangado, mas pára-se na porta.*)

GARRETT – e as minhas camisas, calças e ceroulas – já aprontaste?

LUDUVICA – Não tenho tido tempo nem para coser os meus vestidos, quanto mais a sua roupa!

GARRETT – Um criada assim, não sei para que diabo pode servir! (*Vai a sair e esbarra-se com*

Fernando de Noronha, que até então se acha sério e firme, como um soldado de sentinela em frente do inimigo.)

FERNANDO – Alto lá! Aqui ninguém passa. Ponha-se aí ao lado, e firme como um soldado.

Quero ver até ponto chega a audácia desta criada! (*Garrett perfila-se ao lado direito.*)

GABRIEL GALDINO (*com palavras muito ternas ou açucaradas*) – Então, minha queridinha?

(*Aproxima-se a ela.*) Nem beijinho me dás, nem uma boquinha, nem um abraquinho, nem ao menos um volver desses olhos estrelados!

LUDUVICA (*sorrindo-se*) – Ora, nunca pensei que o Sr. fosse tão audaz!

GABRIEL – Pois é audácia pedir-se aquilo de que se tem necessidade!?

LUDUVICA – Vá procurar a sua mulher, e com ela faça o que quiser!

GABRIEL – E se ela não quiser, o que hei de eu fazer!?

LUDUVICA – Ter paciência, fazer-lhe continência!

GABRIEL – Então além de me negar aquilo que me deve dar, ainda hei de Ter paciência e fazer-

lhe continência!?

LUDUVICA – E que remédio o Sr. terá, senão assim proceder, ou humilhar-se!?! Se o não fizer,

ela o ferirá; o Sr. há de morrer, ou ela se matar!

GABRIEL – Em vista disso, adeus minha queridinha; adeus! (*Vai a sair e encontra o mesmo*

obstáculo como Garrett.)

FERNANDO (*para Gabriel Galdino*) – Alto, frente! Tome a esquerda e perfile-se!

(*Desembainhando a espada por detrás.*) (*Gabriel toma a esquerda e perfila-se.*)

LUDUVICA – Que farão os três pandorgas (*Passando e vigiando-os ora com o rabo de um, ora*

com o rabo de outro olho.) Que esperarão eles! Pensarão mesmo que me hão de continuar a massar!?! Estão bem servidos! Eu componho; eu agora

mostro-lhes o que é a força de uma mulher, quando esta está a tudo resolvida, ou mesmo quando apenas quer mangar com algum homem! (*Puxa, passeando, um punhal que ocultava no seio e conserva-o escondido na manga do vestido.*) Estes (*à parte*) meus amos são uns poltrões; eu faço daqui carreira, faço brilhar o punhal; eles. Ou me hão deixar passar livremente, ou caem por terra mortos de terror; e não só por serem uns comilões, uns poltrões, também porque... não direi mas o farei! (*Volta-se repentinamente; faz brilhar o punhal; avança-se para eles; os dos lados caem cada qual para seu lado, e o do centro para diante; ela salta em cima deste, volta-se para o público e grita levantando o punhal!*) Eis-me pisando um homem, como um carancho [a] um cavalo morto! Quando a força da razão, do direito e da justiça, empregada por atos e por palavras, não for bastante para triunfar, lançai mão do punhal... e lançai por terra os vossos indignos inimigos, como fiz e vedes a estes três algozes! (*Desce o pano, passados alguns minutos. E assim finda o terceiro Ato.*)

ENTREATO

JERÔNIMO DE AVIS (entrando com flauta e três tocadores, com vários instrumentos) – Lá

vai! (*Sopra a flauta; e esta não dá mais que um assovio destemperado; sopra com mais força, - sucede o mesmo, ou ainda pior. Muito ansiado, querendo desculpar-se:*) Senhores, deu o tétano na minha flauta! Desculpem; desculpem!

OS OUTROS – Qual desculpa, nem desculpa! Embaçou-nos, agora há de aprender a tocar todos

os instrumentos. (*Caem-lhe em cima com eles; ele defende-se com a flauta; de uns e de outros; e assim que pode corre a safar-se. Os outros fingem persegui-lo; ele procura escapar-se e não pode, dando também em uns e em outros com a flauta, dizendo-lhes:*)

JERÔNIMO DE AVIS – Paguem as lições que lhe dei ensinando-os a tocar flauta. (*Neste ato e barulho, deve pouco a pouco ir descendo o pano.*)

QUADRO

Aparecem todos; cantam – e dançam mascarados; de violas, tambores,
flautas, rabecas e violões – os seguintes versinhos:

*Minha Musa está vazia,
De tanto haver dado à tia!
Minha rabeca não canta,
Nem o violão descanta!*

*Trai, larai; tri, lari,
Lari; trai, larai, tri lari
Larou...*

*(Repete-se.)
Minha viola 'stá zangada,
Por não Ter mais uma corda;
Dela a flauta discorda;
E assim – só desagrada!*

*Trai, lari; tri, lari,
Lari; trai, larai, tri lari
Larou...*

*Minha rabeca assovia;
Com esse rouco violão,
Não faz boa harmonia:
Hei de ver melhor baixão!*

*Trom larom,
Larom larom larom;
Trom larom larom
Larau lau lau...
(Repete-se.)*

*Meus tambores estão rotos!
Que fazer deles – não sei!
Hei de vendê-los ao Rei,
Cobertos de peles d'escrotos!*

*Trom, larom, larom,
Larau lau lau; trom, larom,
Larau, larau, lau lau!...*

(Repete-se.)

*Minha flauta já não toca,
Mas apenas – assovia!*
- *Se não melhorar na pia,*
- *Hei de mandá-la à taboca!*

*Drom, larom, larom,
Larim lau lau, drom,
Larom. Lari, lari, larom!*
(Repete-se)

Cantados e repetidos estes versos por duas ou mais vozes, daçando-se e tocando-se chóteze, cada um canta os que dizem respeito ao instrumento que toca.

Termina o Quadro; e com ele a Comédia, do seguinte modo:

O FLAUTISTA *(Para os outros)* – Srs.! Silêncio! O mais profundo silêncio!

Vou tocar a mais

agradável peça, e de minha composição, que se possa Ter ouvido no planeta que habitamos! Ouçam! Ouçam! *(Todos ficam silenciosos; e põem os instrumentos debaixo do braço esquerdo. O Flautista, levando a flauta à boca :)*

Fi..... u.....

(Desce o pano)

Fim do Quadro e da Comédia.

Porto Alegre, junho 6 de 1866.

Por

José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo.